

Olisipografia, olisipógrafos: breves notas. O caso do Gabinete de Estudos Olisiponenses
Elisabete Gama

A importância de Lisboa e o seu papel primordial na História fazem com que ela seja, com maior ou menor incidência, uma presença constante na historiografia portuguesa e mundial. Esta presença é assinalável logo nas obras dos nossos cronistas, que lhe dedicaram grande número de páginas. Essa dedicação acentua-se a partir do século XVI e ganha plena consciência no final do século XIX, contribuindo para o conceito de olisipografia e para o aparecimento do especialista na temática de Lisboa, o *olisipógrafo*. O Gabinete de Estudos Olisiponenses foi o resultado da dedicação desses especialistas ao estudo e pesquisa do património histórico, cultural e patrimonial da cidade, donde se destaca o nome do Engenheiro Augusto Vieira da Silva. Outros houve, antes e depois. Relembrá-los é perpetuar a própria memória da capital.

A Cerca de Vieira da Silva e a Cerca Actual
Manuel Fialho Silva

Esta apresentação incidirá sobretudo na confrontação entre a obra de Vieira da Silva, *A Cerca Moura de Lisboa*, e o actual estado da Cerca, baseada numa recolha de imagens actuais confrontadas com o relato e o registo fotográfico existente na obra do olisipógrafo. Deste modo, será realizado um "passeio virtual" pelos vestígios da Cerca, inserindo-os no seu contexto histórico, comentando as portas, as torres e os panos de muralha que ainda hoje nos relembram o vasto passado de Lisboa.

Múltiplas faces de conquista de Lisboa: Conflitos e relações inter-grupos
João Pissarra

O comportamento colectivo expressa padrões de relação, comparação e diferenciação entre os grupos sociais envolvidos nos contextos de interacção. Nas interações entre grupos sociais é comum a assimetria de poder simbólico, o qual conduz igualmente a assimetrias na capacidade de acção e de influência na tomada de decisão, na repartição de recursos e na gestão de conflitos inter-grupos. O nosso trabalho analisa o palco de relações paradoxais (cooperação vs competição) entre os participantes no cerco de Lisboa.

A Cerca Velha de Lisboa: alguns contributos para o seu estudo
Rui Matos

Pretende-se com esta comunicação contribuir para a actualização do estudo da Cerca Velha de Lisboa, também, inapropriadamente, conhecida por Cerca Moura. Esta consubstancia-se hoje como uma das mais antigas memórias da cidade antiga. Memória essa sempre presente quando percorremos o desenho urbanístico do casco histórico. Como diria William Faulkner "O passado não está morto. De facto, nem sequer é passado."

A Herança do Património Islâmico
Cláudio Torres

"Se a extensão territorial do termo de Lisboa era considerável, nos seus 15 000 km² e com uma população periurbana a rondar os 40 000 habitantes, a sua riqueza não era menor. Por alturas do século XI, nenhuma outra cidade ou região do Garb-al-Andaluz se lhe podia comparar em importância económica. Todos os autores árabes, desde al Razi, do século X, até Edrisi, do século XII, são unânimes em destacar as férteis terras de pão da Balata (Ribatejo), onde, desde Estrabão, as águas emprenham com o vento; a frescura das hortas e jardins das terras saloias; o tamanho anormal dos melões de Almeirim ou das maçãs e peras de Sintra."

Torres, Cláudio, "Lisboa muçulmana – Um espaço urbano e o seu território" in Lisboa Subterrânea, Milão, Electa, 1998, p.82.

Construção imponente, admirável e fortificada é a das suas muralhas e da sua alcáçova. (...) Tem seis (*sic*) portas, dispostas numa ordem curiosa. Entre elas, a **Porta Grande**, que é ocidental, sobrepujada por arcadas duplas, assentes sobre colunas de mármore branco. Outra porta, também a oeste, conhecida como **Porta do Postigo** (*Bab al-Hawha*), que se abre para uma extensa e verde pradaria, no meio da qual dois cursos de água a atravessam até se lançarem no mar. De entre as suas (outras) portas, há uma porta meridional, chamada **Porta do Mar** (*Bab al-Bahr*); por onde entram as ondas, que sobem pela sua muralha cerca de três braças. Entre elas também, uma porta oriental, conhecida como **Porta das Termas** (*Bab al-Hamma*), estando as termas próximas dela; nelas correm duas águas: uma água quente e uma água fria, e ambas próximas do mar; quando a maré enche, encobre-as, e quando baixa, descobre-as. Outra porta, também oriental, é chamada **Porta do Estreito** (*Bab al-Madiq*).

Anónimo, *Dikr Bilad Al-Andalus*, ed. Luís Molina, 2 vols. (Madrid 1983), tradução portuguesa por António Rei e Adel Sidarus, "Lisboa e seu Termo segundo os geógrafos árabes", *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 65-66.

29 MAIO

10h
Olisipografia, olisipógrafos: breves notas. O caso do Gabinete de Estudos Olisiponenses
Elisabete Gama, GEO/CML

11h
A Cerca de Vieira da Silva e a Cerca Actual
Manuel Fialho Silva, GEO/CML

14h
Múltiplas faces de conquista de Lisboa: Conflitos e relações inter-grupos
João Pissarra, GEO/CML

15h
A Cerca Velha de Lisboa: alguns contributos para o seu estudo
Rui Manuel Matos, UPA/CML

16h
A Herança do Património Islâmico – Cláudio Torres: Campo Arqueológico de Mértola

30 MAIO

15h - Visita guiada aos vestígios da Cerca Moura de Lisboa

Gabinete de Estudos Olisiponenses
Palácio do Beau Séjour
Estrada de Benfica, 368
1500-100 Lisboa / Tel 217701100
<http://geo.cm-lisboa.pt>

FRAGMENTO DA PLANTA TOPOGRÁFICA DE LISBOA QUE COMPREENDE A PARTE ABRANGIDA PELA CERCA MOURA

O traçado e as legendas a preto correspondem à actualidade. O traçado e legendas a vermelho são os correspondentes à época do terremoto de 1755. O traçado é extraído da *Planta topographica da Cidade Lisboa*, arruinada, e *Também Segundo o Novo Alinhamento dos Architétos Eugenio dos Santos, e Carvalho, e Carlos Mardel. As legendas são extraídas do Tombo da Cidade de Lisboa*, mandado organizar por decreto de 29 de Novembro de 1755. No traçado das muralhas da cerca o traço cheio mostra as partes conservadas ou aquelas sobre que não há dúvidas. A linha tracejada representa o traçado duvidoso, ou puramente conjectural.

in *A Cerca Moura de Lisboa: estudo histórico-descritivo* / A. Vieira da Silva, 2ª edição, Lisboa, Câmara Municipal, 1939, entre p. 58 e 59



Esc. 1/1180

WORKSHOP

A Cerca de Al-Ušbuna

GEO | GABINETE DE ESTUDOS OLISIPONENSES
<http://geo.cm-lisboa.pt>



mirra de ajuste frente/verso

A Cerca Moura de Lisboa, também chamada "Cerca Velha" é um monumento nacional que consiste nos vestígios da estrutura defensiva que ainda hoje se pode observar, de modo parcial, nas várias freguesias de Alfama. A muralha original foi provavelmente erigida no período tardo-romano (séc III-V) e depois muito possivelmente aproveitada e reforçada no período islâmico (séc. VIII-XII), sendo que grande parte da estrutura que se mantém será deste último período da história de Lisboa, possivelmente cerca do séc. X, após o saque de Ordonho III à cidade¹. A muralha que defendia Al-Ušbuna teria, segundo Augusto Vieira da Silva, aproximadamente 1250m de comprimento na sua extensão total, 2m a 2,5m de espessura e abrangia no seu interior uma área de aproximadamente 15,6 hectares. Sendo assim, a área total de Al-Ušbuna, aquando do seu apogeu em finais do séc. XI, seria de aproximadamente 30 hectares, juntando à já referida área intramuros dois arrabaldes, formando um conjunto de 15 hectares. Neste espaço, Cláudio Torres admite uma população na ordem dos 20 ou 30.000 habitantes, comparando-a aos grandes portos de Málaga e Almeria².

Segundo as descrições da época, Al-Ušbuna era uma cidade densamente povoada e rica provindo a sua riqueza da exploração intensa dos recursos agrícolas e piscatórios, da produção industrial e mineira e de intensas trocas comerciais. Uma das fontes descreve Al-Ušbuna como "a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa"³.

No interior da Cerca de Al-Ušbuna, diferentes raças, povos e crenças religiosas conviviam de um modo relativamente pacífico. Sabemos que as três grandes religiões, cristianismo, islamismo e judaísmo, eram toleradas em Al-Ušbuna.

Isto porque a elite muçulmana que governava a cidade não impunha a conversão ao islamismo e permitia as crenças religiosas da população autóctone, mas apenas mediante o pagamento de taxas e impostos específicos, tal como acontecia em todo o Al-Andaluz. Os moçárabes, cristãos que continuavam a praticar rituais litúrgicos criados pelos primeiros cristãos ibéricos, viviam ao lado de muçulmanos e judeus, também tolerados em Al-Ušbuna. Em 1109, o rei norueguês Sigurd afirma que a população da cidade, aquando da sua belicosa passagem por Al-Ušbuna, seria composta por metade de muçulmanos e metade cristãos⁴. Este testemunho vem concordar com as mais recentes opiniões dos historiadores⁵ que consideram que a penetração do Islão na Península foi sobretudo um processo lento e gradual onde a força das armas não terá tido grande peso.

Em 1147, no momento em que Lisboa cai às mãos de um extenso exército composto por cruzados de vários países da Europa e também por portugueses, chefiados por D. Afonso Henriques (*Ibn-Errik*), a cidade possuía um bispo moçárabe, o qual acabou por ser assassinado pelos cruzados francos. Está também confirmada a existência da mesquita maior (Aljama) no espaço da actual Sé de Lisboa³, enquanto que o culto cristão moçárabe teria um local privilegiado no espaço da actual igreja de Santa Cruz do Castelo⁴, quanto à comunidade judaica não são conhecidas quaisquer provas arqueológicas ou epigráficas desta época⁵, mas com certeza teria o seu espaço para o culto em alguma parte da cidade.

1 Cf. Matos, José Luís, "Lisboa Islâmica" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
 2 Cf. Torres, Cláudio, "Lisboa Muçulmana - Um espaço urbano e o seu território" *Arqueologia Medieval* 7, Porto, Edições Afrontamento, 2001.
 3 A conquista de Lisboa aos Mouros - Relato de um cruzado, trad. do lat. para português por Aires A. Nascimento, Lisboa, Vega, 2007, p. 77
 4 Cf. Branco da Silva, Maria João, "Reis bispos e cabidos: a diocese de Lisboa durante o primeiro século da sua restauração", *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, 1998, 55-94.
 5 Cf. Torres, Cláudio, "O Garb-Al-Andaluz" in *História de Portugal*, José Mattoso, ed. Lisboa, Círculo de Leitores, 1992, p. 407.